

A presença do gosto inglês nos subúrbios do Rio de Janeiro no século XIX

CAROLINA BORTOLOTTI DE OLIVEIRA

I. Introdução

O presente artigo pretende analisar a trajetória dos ingleses no processo de ocupação e urbanização dos subúrbios do Rio de Janeiro, sobretudo na primeira metade do século XIX.

Com a vinda da Corte para o Brasil, em 1808, e a Abertura dos Portos, em 1810, inúmeros comerciantes, diplomatas e viajantes ingleses se instalaram no Rio de Janeiro, fixando ou transferindo suas residências para as regiões altas e para os arredores arborizados da cidade, mas mantendo seus negócios nas áreas centrais.

Essa maneira de viver *à inglesa* lentamente passou a ser reproduzida pela elite brasileira e por outros estrangeiros que estavam de passagem pela capital, já que muitos deles também começaram a buscar as residências frescas e agradáveis dos arrabaldes da cidade.

Pode-se dizer ainda que esse estilo de vida adotado pelos ingleses no Rio de Janeiro estava intimamente ligado aos valores estéticos do movimento pitoresco e de moradia presente na sociedade inglesa do final do século XVIII e início do século XIX.

A Inglaterra, por sua vez, no auge da Revolução Industrial, ampliou notavelmente a exportação de seus produtos, desenvolvendo uma extensa variedade de elementos arquitetônicos em ferro que seriam difundidos, principalmente, no Brasil Império.

Entre outros aspectos, portanto, a tipologia arquitetônica, a escolha da paisagem e a decoração de interiores nos mostram como os ingleses trouxeram consigo uma nova forma de morar, o que resultou em mudanças significativas na paisagem urbana brasileira.

Através dos álbuns iconográficos, dos artigos de jornais e dos relatos dos viajantes, a introdução do chamado *gosto inglês* pôde ser verificada no Catete e Vale das Laranjeiras, na Glória, em Cosme Velho (conhecido na época como Morro do Inglês) e, sobretudo, na enseada de Botafogo, locais em que os ingleses efetivamente instalaram suas residências.

II. A cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX

No início do século XIX, a chegada da família real portuguesa teria provocado uma série de mudanças na sociedade brasileira com a introdução da imprensa e das novas escolas, com a presença de profissionais qualificados e, principalmente, com a importação de novos materiais e produtos industrializados, conforme as cláusulas dos tratados político-comerciais estabelecidas, sobretudo, com a Inglaterra.

Dentro desse contexto, o Rio de Janeiro, então uma cidade com cerca de cinquenta mil habitantes e conhecida por suas belezas naturais, inicia um processo de modernização, sendo que as principais iniciativas nesse sentido foram as melhorias urbanas e arquitetônicas, tendo o estilo neoclássico como a tendência predominante na arquitetura oficial do Império.¹

Ao adotar uma série de medidas para a remodelação da cidade, D. João VI recebe a Missão Artística Francesa, em 1816, para consolidar o neoclassicismo e fundar a Academia Imperial de Belas Artes, em 1826. Com isso, a cidade do Rio de Janeiro passa a ser considerada não apenas a capital administrativa ou o centro das decisões políticas do país, mas também o núcleo cultural de onde partiriam as novas correntes de comportamento, incluindo o vestuário, a música, o mobiliário, a decoração de interiores, além das novas formas de morar, de construir e projetar novas ruas.

Embora os novos estilos arquitetônicos e decorativos se transferissem da Europa para o Brasil, a industrialização tardia em nosso país e a manutenção da mão-de-obra escrava não especializada dificultaram, inicialmente, a participação de engenheiros e arquitetos como solucionadores do espaço arquitetônico. Assim sendo, a importação de infra-estrutura urbana e de equipamentos residenciais foi uma das alternativas encontradas para que os projetos seguissem adiante. É dentro desse panorama que os interesses comerciais da Inglaterra ganham maior relevância, já que muitos dos elementos decorativos em ferro fundido estariam

disponíveis no Brasil graças às remessas de catálogos comerciais, utilizados de maneira eficiente pelos ingleses, com o objetivo de divulgar e vender suas mercadorias.

III. A formação dos bairros suburbanos no Rio de Janeiro

Com uma população maior que o Salvador, já em 1810, o Rio de Janeiro tornou-se uma capital cosmopolita, apresentando uma vida social e cultural que procurava incorporar os ideais europeus. Como já foi colocado, uma vez instalada a Corte portuguesa na capital do Império, a cidade se moderniza com a construção de novos edifícios e palácios majestosos, além da abertura de inúmeras lojas e amplas vias de circulação nos locais de maior acesso. Entre 1840 e 1860, os bailes, os concertos, as reuniões e as festas na capital também seriam amplamente difundidos, fazendo com que o Rio de Janeiro passasse a atuar como o pólo centralizador e difusor dos melhores hábitos e costumes de civilidade durante todo o Império, *“tudo isso aliado à importação dos bens culturais reificados nos produtos ingleses e franceses.”*²

É nesse mesmo período que uma parte da elite urbana carioca passa a morar definitivamente nos bairros mais longínquos ou até mesmo fora da cidade, *“num estilo de casa e de vida muito diferente (no tempo e no espaço) do das chácaras, comuns nas outras capitais brasileiras do final do século XIX.”*³ Com a modernização urbana da cidade, o desenvolvimento do sistema viário e a introdução dos novos meios de transporte, que viabilizaram o acesso às áreas suburbanas, houve um crescimento populacional em direção aos arrabaldes da cidade.

Dessa forma, a concentração de famílias de alta renda nos subúrbios do Rio de Janeiro se formou principalmente na direção de São Cristóvão, ao longo de Mata-Cavalos e Mata-Porcos, onde moravam especialmente ingleses e portugueses ligados ao paço; na praia da Glória até Botafogo, local onde os ingleses também mantinham suas residências; e na Tijuca, ocupada, sobretudo, pelos franceses.

Entretanto, como bem afirma Villaça⁴, havia uma questão mais complexa que envolvia tanto a localização como a função das chácaras habitadas pela aristocracia e por estrangeiros em meados do século XIX no Rio de Janeiro. As finalidades dessas moradias eram as mais

diversas, como aquelas que exploravam a agricultura para fins comerciais, mas as famílias apresentavam um estilo de vida essencialmente urbano; aquelas que praticavam a agricultura de subsistência, fazendo com que a família raramente se deslocasse à cidade (somente em ocasião de festas e cerimônias); e aquelas cujos proprietários também possuíam casa na cidade e as utilizavam com a mesma frequência que as casas de campo.

É importante ressaltar ainda que essa transferência para os arredores da cidade não se deu exatamente no âmbito do deslocamento das residências da elite para os subúrbios, *“mas precisamente no sentido de fazer com que ela não precisasse se deslocar”*, já que durante várias décadas, segundo o próprio Villaça⁵, a elite carioca era urbana, mas sem morar na cidade, ou seja, as chácaras na realidade não eram rurais e próximas à cidade, mas casas urbanas que se situavam longe do centro urbano.

IV. A presença do gosto inglês na paisagem e nos arredores da cidade

Robert Smith destaca que, bem antes da vinda da Coroa portuguesa para o Brasil, o viajante espanhol Juan Aguirre⁶ observa que, já em 1782, em algumas chácaras do Rio de Janeiro *“resplandece el gusto inglês”*, o que era talvez um reflexo do interesse formado em Portugal, no final do século XVIII, em torno da arquitetura e da ornamentação inglesa, época em que muitos súditos britânicos se estabeleceram em várias partes daquele país.

De fato, com a chegada da Corte no Rio de Janeiro e a presença de uma expressiva colônia inglesa, Smith comenta que teríamos então *“o aparecimento de um estilo anglo-britânico de construir, no mesmo instante em que mandava vir da França, em 1816, um grupo de artistas a fim de fundar uma Academia de Belas-Artes no Rio de Janeiro.”*⁷

Oliveira Lima⁸ ainda nos explica que, embora as casas fidalgas portuguesas viessem transferidas com a chegada de D. João VI ao Brasil, elas não eram semelhantes às tranqüilas chácaras inseridas na paisagem exuberante dos arrabaldes fluminenses, onde já moravam outros estrangeiros. Isso fez com que a maioria dos portugueses vinculados à Coroa se

fixassem nos arredores da cidade, *“acompanhando os ingleses que primeiramente invadiram os subúrbios cariocas a procura de residências frescas e agradáveis.”*

O pintor francês Debret⁹ também verifica a notável localização das residências suburbanas quando relata que *“as chácaras mais ricas e elegantes dos arrabaldes da cidade encontram-se no caminho de São Cristóvão, de Mata-Porcos, do Engenho Novo, do Morro de Nossa Senhora da Glória, do Catete ou da linda enseada de Botafogo. Estas últimas, principalmente, de aspecto encantador, agrupam-se pitorescamente sobre as colinas arborizadas dos contrafortes do Corcovado; seus jardins bem tratados e arranjados em anfiteatros são regados pelas águas que descem das florestas virgens (...)”*. Ainda nas proximidades de Botafogo, Gilberto Ferrez¹⁰ descreve a casa de campo de Williams, de cor clara e com belas telhas avermelhadas, destacando-se *“entre as diferentes tonalidades verdes, variando do verde amarelo do alto, que substitui o gramado clássico pela grama inglesa, ao verde sombreado da floresta tropical, cuja massa adensada alcança o Morro do Corcovado.”*

Entre 1830 e 1840, o subúrbio de Botafogo, de fato, começa a se integrar ao núcleo urbano como um arrabalde aprazível e de caráter essencialmente residencial. Deslumbrado com as belezas da capital, Daniel Kidder¹¹ afirma que nenhuma outra cidade no mundo poderia ser comparada ao Rio de Janeiro *“na variedade, beleza e interesse que despertam os aspectos de seus arredores. A baía semi-circular de Botafogo e a cadeia de montanhas que a circunda constituem um dos quadros mais extraordinários que podem contemplar a natureza.”*

Com relação ao olhar sobre a paisagem, sabe-se que as viagens pitorescas realizadas pelos viajantes ingleses, na primeira metade do século XIX, não deixavam de ser uma transposição das práticas européias de pintura e de percepção da natureza.

Ainda no caso inglês, o papel de julgar esteticamente teria um caráter sentimental, já que a beleza encontrada na natureza deveria ser identificada e analisada pelo intelecto do artista, ou seja, através de uma concepção subjetiva das sensações e do sentimento na arte.

É nesse contexto que a viajante inglesa Maria Graham¹² retrata, em seu diário de viagens, vários aspectos da arquitetura e da natureza, como perspectivas notáveis de cenários com plantas arranjadas nos jardins, incluindo os ambientes paisagísticos em torno das casas. O jardim particular também aparece como um dos principais registros feitos pelos viajantes ingleses, ocupando um papel central na poética do *pitoresco*, uma vez que os arranjos desses jardins e dos quintais das residências estariam diretamente vinculados aos valores de interioridade e de privacidade presentes na sociedade inglesa da transição do século XVIII para o século XIX. Dessa forma, pode-se dizer que Maria Graham conseguia traduzir os anseios almeçados por uma geração de viajantes em relação à estética do *pitoresco*, num momento em que se valorizava o romantismo nas artes e na arquitetura.

Assim como a maioria dos visitantes ingleses de passagem pelo Rio de Janeiro, a viajante inglesa também desfrutava dos passeios a cavalo nos arredores da cidade. Eram recorrentes as cavalgadas até o Corcovado e ao Vale das Laranjeiras, “onde damas e cavaleiros gozavam de bom ar”, percorrendo um “caminho romântico” até o forte do Leme. Passeando pelos arredores da cidade, Maria Graham observa várias casas de campo no caminho do Catete e em direção ao Outeiro da Glória, como ela descreve na região do Vale das Laranjeiras: *“Passeei a cavalo, ao lado de Langford, por um dos pequenos vales ao pé do Corcovado (...) Logo à entrada do vale, uma pequena planície verde espraia-se para ambos os lados, através da qual corre o riacho sobre seu leito de pedras, (...) as plantações de café estendem-se até bem alto na montanha, cujos cumes pitorescos limitam o cenário. As casas de campo não são aqui nem grandes nem luxuosas, mas são decoradas com varandas e têm geralmente uma bela escadaria até a casa de residência do dono (...)”*¹³

Os diários do Almirante Graham Hamond também nos mostram como a visão peculiar dos ingleses em relação à natureza e o modo de vida no Rio de Janeiro eram retratados na sociedade carioca durante a primeira metade do século XIX.

Hamond vem ao Brasil pela primeira vez trazendo o embaixador da Grã-Bretanha, Sir Charles Stuart, para o reconhecimento da independência do país, juntamente com uma comitiva de artistas e cientistas, entre eles o botânico William Burchell e o pintor Charles Landseer. Seus diários procuram nos descrever os hábitos sociais dos diplomatas ingleses e franceses que moravam nos arredores do Rio de Janeiro, ou seja, nas casas de campo do Vale das Laranjeiras e do Catete, e nas proximidades de Botafogo.

O almirante, assim como Maria Graham, menciona os passeios pitorescos realizados na Tijuca e no Corcovado como uma prática comum entre os estrangeiros aqui presentes, principalmente pelos ingleses. Novamente, a escolha pela paisagem de campo demonstrava um certo repúdio ao meio urbano, já que a idéia de *pitresco* também estava associada ao modo de vida saudável junto à natureza, tornando freqüentes os “passeios pelos arredores”. Hamond ainda nos revela: *“nada é mais belo aos olhos de um recém-chegado do que o aspecto luxuriante das diferentes árvores e arbustos, com as montanhas vestidas até o cimo das florestas e, entre elas, o Corcovado, sob o qual parecemos estar constantemente; sendo o ponto de referência mais proeminente.”*¹⁴

Segundo os critérios do movimento *pitresco*, algumas combinações magníficas da natureza ofereciam material suficiente para os artistas, tornando-as dignas de serem registradas. Exemplo disso, a presença das forças da natureza provocando impressões vivas e grandiosas, como as enormes montanhas e as quedas d’água, era um dos aspectos que estimulava o sentimento do *sublime*.

Nota-se, portanto, que a costa brasileira e, especialmente o litoral do Rio de Janeiro, ofereciam os estímulos mais adequados à estética do *pitresco*, já que a própria configuração da cidade e da paisagem num território irregular e montanhoso vinha de encontro aos anseios do paisagismo inglês, marcado pela forte presença de montanhas, da vegetação e da orla marítima.

Dentro desse panorama, Ana Maria Belluzzo¹⁵ finalmente nos traz a seguinte definição: “No repertório pitoresco, a casa isolada em meio à vegetação, a mescla da arquitetura residencial a algum aspecto da natureza, as chácaras e as casas de campo, configuravam o modelo ideal de ambiência prezado pelos viajantes europeus no Rio de Janeiro.”



Paisagem do Rio de Janeiro com casa tipicamente inglesa.

Fonte: BELLUZZO, Ana Maria M. *O Brasil dos Viajantes: a construção da paisagem*. 3.ed. São Paulo: Metalivros, 2000. vol. III, Imagem 382. Coleção Paulo Fontainha Geyer

¹ CZAJKOWSKI, Jorge (org.) *Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000. Coleção Guia de Arquitetura do Rio de Janeiro, p.29

² SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.111

³ VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Lincoln Institute, 2001. p.158

⁴ *Id., ibid.*, p.161

⁵ *Id., ibid.*, p.163

⁶ COSTA, Luiz Xavier. *As Belas-Artes plásticas em Portugal durante o século XVIII*. Lisboa: 1934. p. 74. *Apud*. SMITH, Robert. “Arquitetura Civil no período colonial”. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAU-USP, MEC-IPHAN, 1975. p. 185

⁷ SMITH, Robert. *Op. Cit.*, p. 187

⁸ LIMA, M. Oliveira. “As Solenidades da Corte”. In: *D. João VI no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Topbooks. p. 616

⁹ DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins/ Brasília: INL, 1975, vol. 1 p. 226-227

¹⁰ VIDAL, Emeric Essex. *Picturesque Illustrations of Rio de Janeiro (1816-1837)*. Buenos Aires: Libreria d'Amateur, 1961. Textos de Gilberto Ferrez

¹¹ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e permanências nas Províncias do Sul do Brasil*. Tradução Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1980. p.120-121

¹² Maria Graham (1785-1842) foi escritora, artista amadora e esteve na Índia com o pai, o contra-almirante Dundas, de 1808 a 1815. No Brasil esteve três vezes, na década de 1820. O relato de sua estadia no país – *Journal of a Voyage to Brazil and Residence There During the Years 1821, 1822, 1823*, foi publicado em Londres, em 1824.

¹³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Tradução Américo J. Lacombe. Biblioteca Pedagógica Brasileira. São Paulo: Nacional, 1956. 5ª Série Brasileira, vol. 8, p. 177-178

¹⁴ HAMOND, Graham E. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond, 1825-1838*. Tradução Paulo F. Geyer. Rio de Janeiro: Editora JB, 1984. p.14

¹⁵ BELLUZZO, Ana Maria M. *O Brasil dos Viajantes: a construção da paisagem*. 3.ed. São Paulo: Metalivros, 2000. vol.III, p.23